

O localismo nos jornais do Interior¹

RESUMO

Neste estudo, detenho-me à questão do localismo em jornais interioranos portugueses que circulam em pequenas cidades de Portugal e no Rio Grande do Sul, em cidades com menos de 200 mil habitantes. A partir de uma análise de conteúdo de 14 jornais entre os dois países. O que se pode observar até o momento é a utilização cada vez maior da internet pela população em geral. Esta situação favoreceu o localismo, pois ampliou a demanda por informações locais de qualidade. Desta forma, é determinante o papel que a geografia desempenha na definição de informação local mesmo na era digital.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo interiorano
Notícia
Localismo

ABSTRACT

In this study, I've been detained to the issue of localism in hinterland Portuguese newspapers that circulate in small towns in Portugal and in Rio Grande do Sul, in cities with fewer than 200 thousand inhabitants. From a content analysis of 14 newspapers between the two countries. What we can see so far is the increasing use of Internet by the general population. This situation has favored localism, because increased demand for quality local information. Thus, it is determining the role that geography plays in defining local information even in the digital age.

KEYWORDS

Hinterland journalism
News
Localism

Beatriz Dornelles

Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS/RS/BR.
biacpd@pucrs.br

Com o avanço das tecnologias das comunicações, em especial, a internet, o jornalismo do interior tende a se fortalecer. Apresentando pequenas alterações desde os anos 1980 do século XX até os dias atuais, a imprensa interiorana tem sido vista a partir de muitos equívocos, excetuando alguns sérios estudos realizados em programas de Pós-graduação de Faculdades de Comunicação do eixo Rio-São Paulo.

Os jornais do interior frequentemente são considerados pelos profissionais da imprensa “de segunda categoria” em decorrência de preconceitos com a realidade de pequenas comunidades. Neste estudo, detenho-me à questão do localismo nos jornais interioranos que circulam em cidades brasileiras com menos de 200 mil habitantes. Acima disso, a imprensa tende a seguir as mesmas normas da imprensa de grandes metrópoles, que supervalorizam questões nacionais em detrimento da proximidade geográfica. No Brasil, esta imprensa, na maior parte dos casos, está nas capitais de seus Estados.

O critério de notícia da proximidade

O que podemos observar até o momento, é a utilização cada vez maior da internet pela população em geral como ferramenta de divulgação de informações e, portanto, de notícias. Esta situação favoreceu o localismo, pois ampliou a demanda por informações locais de qualidade. A concorrência por público, de parte da imprensa, está conduzindo os jornais de grandes metrópoles a também ampliarem a divulgação de fatos locais, até então ocupando um espaço periférico na pauta das grandes redações jornalísticas. Fortaleceu-se, assim, a cobertura dos bairros, no que pese ainda ser deficiente, pois continuam prevalecendo os critérios de noticiabilidade, utilizados antes do advento da internet, como raridade, polêmicas, crimes hediondos, economia das elites. E fortaleceu-se, também, o jornalismo popular, que conquistou leitores das classes C e D, conforme divisão econômica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Nesta linha de pensamento, o que parece distinguir a nacional ou regional² da imprensa interiorana é a forma de organização empresarial e a estratégia claramente direcionada para uma abordagem dos temas tanto mais generalistas quanto generalista se pretende que seja o seu público num território mais ou menos amplo.

Na realidade, o território de pertença e de identidade, ao qual a informação local parece

estar ancorada, pode por si só condicionar as formas de divulgação da imprensa local, reduzindo-as a uma escala mais restrita e comunitária. No entanto, isto não significa necessariamente um limite às audiências.

A concorrência por público, de parte da imprensa, está conduzindo os jornais de grandes metrópoles a também ampliarem a divulgação de fatos locais, até então ocupando um espaço periférico na pauta das grandes redações jornalísticas.

Porém, podemos observar que a circulação estrategicamente localizada de um jornal do interior em determinada região restringe, naturalmente, o seu âmbito de ação, pois está irremediavelmente amarrada a questões como o espaço geográfico, que é também o lugar de produção e de cobertura dos acontecimentos; ao espaço de circulação do impresso; aos conteúdos locais; à informação disponível; ao interesse do público local e, especialmente, à economia da região por onde circula.

Desta forma, é determinante o papel que a geografia desempenha na definição de informação local. Ela pode ser entendida mais pelo espaço geográfico do que pelas características de seu conteúdo. Já o jornalismo do interior, além da questão geográfica, pode ser reconhecido por outras características próprias por serem do interior, a serem citadas mais adiante.

Assim, a comunicação local diz respeito à maioria das pessoas e membros integrados em determinado sistema local, ocorrendo de forma constante. Entende-se por “local” a informação relativa a um bairro urbano ou a uma pequena comunidade ou a cidades de pequeno porte.

O próprio jornal local deve ainda refletir a mesma delimitação geográfica, na forma como organiza as informações em cada edição, podendo recorrer mesmo a páginas especiais, destinadas às diferentes situações de cobertura. Ele deve ser constituído por notícias que dizem respeito a uma área geográfica relativamente restrita.

Essa é a fórmula, por exemplo, que seguem os jornais interioranos de Portugal, que deixam para as grandes cidades daquele país e para internet a divulgação de fatos de âmbito nacional ou internacional, conforme demonstrou Camponez (2002). Cabe aos jornais interioranos repercu-

tir junto a seus públicos notícias que venham a ter consequências sobre a população local. Competir com a imprensa nacional e com os jornais online é decretar a morte da publicação.

Já Mercadé (1997), em estudo publicado na Espanha, embora insista na **importância do caráter geográfico** na definição de informação local, apresenta para a discussão outros elementos particularmente relevantes. Na sua proposta de classificação da imprensa regional, para além do território, há ainda a referir outros critérios determinantes para a delimitação e formação dos conteúdos da imprensa local e regional. Segundo ele, dever-se-ia ter em conta questões como a sede territorial da publicação; o seu âmbito de difusão e cobertura; a vocação e intencionalidade da publicação; o tratamento dado aos conteúdos; a percepção do jornal sobre o leitor; e a relação com as fontes de informação institucionais Mercadé (1997), no que concordamos como relevante para a imprensa interiorana brasileira.

Para Mercadé (1997), a imprensa regional tem por área privilegiada de difusão a região ou a cidade na qual se situa também a sua sede editorial. A vocação, a intencionalidade, os conteúdos e a percepção sobre o leitor são determinados pelo contexto local ou regional, sendo também as relações com as instituições e organismos locais e regionais mais diretas, de caráter permanente e num grau maior de intensidade, comparativamente aos jornais que se encontram, administrativa, política e economicamente a um nível de desenvolvimento maior. Os itens apontados por Mercadé são mais completos, pois valoriza outros aspectos, que não apenas os relacionados à localização geográfica dos jornais.

As redes sociais, a realidade virtual, o correio eletrônico permitem a criação de grupos que se constituem enquanto comunidades, mas não enquanto lugares.

Estes outros aspectos são de grande importância em um mundo que possibilita formas cada vez mais personalizadas, segmentadas e interativas de comunicação, alterando o modelo tradicional de comunicação de massa. As redes sociais, a realidade virtual, o correio eletrônico permitem a criação de grupos que se constituem enquanto comunidades, mas não enquanto lugares.

As comunidades que mantêm contato entre si por via da partilha de interesses comuns privile-

giam formas de solidariedade informal, diferente dos modelos de organização convencional. Essas comunidades, formadas na base de interesses comuns e sem lugar, se distinguem de um outro tipo de comunidades, mais tradicionais, as comunidades que representam os lugares, e sobre as quais trabalha especificamente a imprensa local, embora não de forma exclusiva.

Essa ancoragem da imprensa local sobre o território/conteúdo, que estamos salientando, parece evidenciar que a imprensa local constrói a sua razão de ser, a sua especificidade e a sua força entre a sua localização territorial e a territorialização dos seus conteúdos.

Proximidade

É também na questão de territórios, de regiões e de lugares que encontramos a formação da noção de proximidade. No jornalismo, a proximidade trata de comunicar conteúdos considerados pertinentes aos seus leitores com o objetivo de conseguir a fidelização dos públicos. Estas estratégias são utilizadas tanto pela imprensa local, quanto pela regional e nacional.

A valorização do conceito de proximidade assumiu importância maior nos últimos anos, conforme já comentamos anteriormente, com a ampliação do número de leitores digitais, constituindo-se, assim, em uma estratégia para recuperar públicos. Em Portugal, conforme Camponez (2002), essa situação contribuiu para mudar substancialmente a visão com que tradicionalmente era vista a imprensa regional portuguesa.

Apesar de algumas referências cortesias, em Portugal só no final dos anos 80 começa a ser notada uma nova atitude sobre a importância da comunicação social local e regional, até aqui reduzida globalmente ao estatuto de menoridade, próprio das “folhas de couve”. Diga-se que esta evolução verifica-se também a par de alguns sinais de mudança na própria imprensa regional. Entre esses sinais, poderá ser referida a tomada de consciência por parte das elites locais da importância da comunicação regional e local, facto que se tem traduzido em novos investimentos e na renovação de projectos editoriais já existentes (Camponez, 2002, p. 114).

Conforme estudo de Camponez, verifica-se em Portugal o interesse de grandes grupos de comunicação em produtos de origem local e regional, por tratar-se de um campo de mercado em

expansão. “O mercado da proximidade, à medida que a concorrência entre os grandes títulos nacionais se acentua, surge como uma alternativa, num contexto mediático cada vez mais exigente em termos financeiros e onde só os grandes parecem ter lugar” (Camponez, 2002, p. 115).

No jornalismo, a proximidade trata de comunicar conteúdos considerados pertinentes aos seus leitores com o objetivo de conseguir a fidelização dos públicos. Estas estratégias são utilizadas tanto pela imprensa local, quanto pela regional e nacional.

O mesmo autor destaca o reconhecimento da importância da informação local pelos políticos em decorrência da valorização de gestões e administrações públicas a serem exercidas localmente, quer pela via da regionalização, quer pela via da descentralização. Afirma Camponez (2002, p.115): “A complexificação da administração pública vai acabar por exigir uma maior localização das decisões e, conseqüentemente, reforçar o papel da informação local.

Também pela União Europeia a informação local surge como uma clara alternativa. Políticos daquela região apontam os meios de comunicação social regionais e locais como imprescindíveis entre a superestrutura da União Europeia e o dia-a-dia dos cidadãos. Em entrevista à imprensa regional portuguesa, na cidade do Porto, Helena Vaz da Silva, ex-eurodeputada socialista, afirmou que são os jornais locais e regionais “que podem traduzir em linguagem concreta as normas e legislação europeias, assim como são eles que podem fazer chegar às instituições europeias os anseios e as dificuldades de cada região”³. Segundo suas palavras, “a imprensa e a rádio regional e local, além de fornecerem informação credível, podem e devem funcionar como referência e motor de mudança na sociedade em que se inserem”. Como se verifica, o papel estratégico da proximidade dos *media* locais e regionais face aos seus leitores é evidenciado.

A importância da proximidade, um dos principais elementos da notícia e, no meu entender, o mais importante na imprensa interiorana, já vem sendo valorizada há décadas pela imprensa do interior.

Fraser Bond, autor clássico de livros que descrevem a profissão do jornalismo, apontava nos

anos 60, do século 20, que as notícias de interesse local são a base da circulação dos jornais norte-americanos, exceção feita aos publicados em grandes cidades. A observação é a mesma que fazemos atualmente para os jornais interioranos. E mais: Bond assinalou na época que a generalidade das notícias internacionais interessava apenas a 10% dos leitores das grandes cidades. O interesse gerado nos leitores das pequenas cidades era de tal forma irrisório que nem sequer apareciam nas pesquisas (Bond, 1965, p. 100).

Teun van Dijk, quando trata dos valores-notícia, refere que a proximidade local e ideológica é, de alguma forma, transversal a todos os restantes valores. É a proximidade que permite ao jornalismo perceber os contextos que determinam os valores-notícia e, a partir daí, organizar os restantes elementos valorativos, como a novidade, a atualidade, a relevância, a consonância, o desvio e a negatividade.

O autor inclui ainda como valor-notícia a “pressuposição”, que nos remete particularmente para o conhecimento prévio dos contextos e das crenças sociais de onde emerge a notícia. Segundo ele, “a proximidade ideológica resulta dos critérios gerais de consonância”.

A proximidade local inclui a pressuposição de conhecimentos adquiridos, bem como o da relevância. Sabemos mais sobre o nosso próprio bairro, cidade, país, continente, em parte pela experiência direta e pelas comunicações informais das experiências de outros que conhecemos (Gomis, 1997). Por isso, os acontecimentos que nos são mais próximos são melhor compreendidos, pois também proporcionam melhores temas de histórias para comentar no quotidiano.

Gomis (1997) enfatiza particularmente este aspecto, sustentando que a notícia define-se, sobretudo, pela sua capacidade de suscitar repercussões. Uma notícia com repercussão é aquela que gera informações e comentários ao longo de vários dias nos diários e nos restantes meios de comunicação. Muito embora esta definição parta dos próprios *jornalistas* como critério de avaliação da ressonância e da repercussão das notícias, ela não deixa de lembrar outra definição apontada por profissionais europeus da área: a notícia é por essência qualquer coisa capaz de fazer com que falemos dela.

A preocupação de conquistar o público determina a importância da proximidade em jornalismo. Nesse sentido, é uma arma poderosa, suscetível de ser usada correta ou incorretamente.

Tendo o leitor como o centro da notícia, podemos dizer que há quatro formas de pensar a notícia local, conforme definiu Raimundo (1991): a geográfica, a temporal, a psico-afetiva e a social. A escolha da aproximação temporal marca a distância do leitor face ao momento em que se deram os acontecimentos (ontem, hoje, amanhã). A proximidade geográfica começa no acontecimento da nossa rua, do bairro e expande-se para a região, o país, as fronteiras internacionais vizinhas, o continente. A proximidade social diz respeito a temáticas relacionadas com a família, a profissão, a classe social, a religião, a ideologia ou a política. E, por último, a proximidade psico-afetiva é determinada por valores como o sexo, a vida e a morte, a segurança, o dinheiro e o destino.

A questão da proximidade também tem relação direta com as realidades sociais que nos rodeiam, como os serviços de que dispomos na nossa cidade.

O diretor do diário Faro de Vigo (cidade interiorana da Espanha), durante as Conferências da Imprensa, organizadas pelo Forum de Jornalistas, em Leiria (Portugal), em novembro de 1996 afirmou que o futuro da imprensa será marcado pela imprensa local.

E explica o diretor do diário galego:

É nessa universalização, por muito chocante que pareça, que está o auge da questão da proximidade. O mundo é cada vez mais uniforme. Somos tão iguais que precisamente o nosso [mundo] é o que nos diferencia, o que nos 'torna distintos, o que nos dá identidade. Somos tão instantaneamente iguais que a curiosidade exterior diminui. Já não é preciso ir buscar o mundo: ele entra todos os dias em nossas casas pelas janelas dos meios de comunicação. Chegados à aldeia global concluímos que a única coisa que nos diferencia na realidade é a nossa aldeia (citado por Camponez, 2002).

A imprensa do interior, assim, representa o jornalismo da proximidade mais próxima, da informação microscópica. De pessoas conhecidas por seus nomes e apelidos, e não só pelo que fazem ou representam na sociedade burocrática. E é nisto que reside a sua força. Há quem acredite, inclusive, que a informação local dos jornais do interior é uma conversação familiar alargada. Pucheu diz: "A imprensa local nasceu do círculo familiar. É a conversação familiar institucionalizada, impressa. Não é nem vida pública, nem vida privada". E complementa:

Bem vistas as coisas, será que ela trata da 'vida pública', ou desse lado da vida que já não é seguramente vida privada nem vida pública? Para viver o dia-a-dia em conjunto, é preciso saber fechar os olhos. Isso sabe-se em todas as famílias. Assim, também, há qualquer coisa de familiar na informação local. Esse sentimentalismo difuso, essa atitude reverencial para com os notáveis e os mais velhos não fazem lembrar os jantares em família? E a obsessão pela polémica política não vem igualmente daí? (Pucheu, 1973).

Também Manuel Fernandez Areal (1995), referindo-se à comunicação social regional e local, defende que nas publicações dirigidas a públicos muito concretos, normalmente reduzidos (jornais interioranos), com nomes e apelidos, é onde o jornalismo é mais humano e mais verdadeiramente social, ao pôr em contato e ao relacionar os que informam ou opinam, escrevem editoriais e dão conselhos, com um público que não é apenas receptor, mas é também fortemente ativo, que por "sua vez informa, recrimina, aceita, valora, aplaude ou censura de forma eficaz" (Areal, 1995).

A particularidade do jornalismo interiorano, de nomes e apelidos e de públicos concretos, faz com que, ao menos potencialmente, a informação local é mais pluralista que a de outros tipos de jornais, uma vez que tem a oportunidade de representar mais diretamente a sociedade, tanto as minorias como as maiorias, bem como a todos os grupos ou entidades sociais que não têm acesso a outros espaços comunicacionais.

A imprensa local tem, assim, por função manter e promover uma saudável vida democrática, permitindo a troca de ideias, favorecendo o debate e procurando fazer com que os seus leitores se interessem pelo ambiente que os rodeia, de forma a levá-los a assumir uma atitude participativa do ponto de vista social.

O jornalista da imprensa local tem, pois, a particularidade de viver entre os seus leitores. Contar a vida é mostrar que nos interessamos pelas pessoas, que temos respeito pelo que fazem e pelo que dizem. Os profissionais da imprensa interiorana devem ser jornalistas-assistentes do cidadão e ter como uma das suas características o gosto demasiado pelas pessoas.

Os profissionais da imprensa interiorana devem reforçar a coesão social e procurar a justiça. Mas também devem defender o interesse geral,

os direitos e a dignidade das pessoas. Deve, ainda, promover a tolerância e o respeito pela diversidade.

A particularidade da imprensa regional funda-se no fato de se dirigir ao indivíduo enquanto sujeito integrado e participante numa comunidade geográfica delimitada, da qual é possível conhecer as características: mentalidades, hábitos, modos de viver, níveis de vida, preocupações culturais e sociais dominantes etc. Assim, segundo Mathien (2004), a imprensa regional desempenha um conjunto de funções entre as quais as mais determinantes são: servir de elo da comunidade a que se dirige; constituir-se como complemento à experiência quotidiana dos seus leitores, completando-a através da informação disponível, quer sobre a realidade mais próxima, quer sobre os acontecimentos mais distantes; reduzir a incerteza do ambiente que rodeia o leitor, tentando responder às questões banais acerca das novidades e da atualidade; funcionar também como enciclopédia dos conhecimentos vulgarizados, a partir da qual o leitor, bem ou mal, adquire e alarga a sua cultura, acerca dos conhecimentos mais diversificados e superficiais; servir como um importante banco de dados sobre a região de influência, uma tarefa facilitada agora pelo desenvolvimento dos sistemas informáticos e das redes. Para além disso, acrescenta Mathien, a imprensa regional detém a vantagem de poder mobilizar arquivos e organizar estes serviços de forma polivalente, centralizada e dispondo de alguma facilidade em assegurar uma constante atualização, e, por último, a imprensa regional desempenha ainda uma função de recreio e de psicoterapia social.

Esta ligação à comunidade de leitores está bem patente na ancoragem do jornal local a um determinado território, cuja pequenez de fronteiras transforma radicalmente o conceito de proximidade jornalística, também presente nos jornais de expansão nacional. A tradução do jornalismo microscópico - de que nos referimos anteriormente - encontra expressão na grande penetração do jornal nas suas áreas de influência, que são também as áreas da sua audiência. Ou seja, aquilo que os jornais de expansão nacional tendem a ganhar em dimensão do mercado, perdem-no em termos de penetração.

Assim, por exemplo, o Estudo de Notoriedade e Audiência de Imprensa Regional, de setembro de 1992, efetuado pela empresa Marktteste e encomendado pela Associação Portuguesa de Con-

trole de Tiragens (apud Camponez, 2002, p. 124), mostra que os jornais regionais e locais de Portugal ocupam um papel dominante nos índices de leitura da imprensa, superando de longe os semanários e diários nacionais de maior audiência. O mesmo acontece no Rio Grande do Sul (Brasil), conforme estudo realizado por mim entre 2000 e 2005, em sequência ao estudo realizado durante doutoramento⁴. Esta característica confere ao jornalismo dos pequenos acontecimentos um estatuto elevado no que se refere à informação local e, conseqüentemente, à formação do espaço público local de opinião.

Os profissionais da imprensa interiorana devem reforçar a coesão social e procurar a justiça. Mas também devem defender o interesse geral, os direitos e a dignidade das pessoas. Deve, ainda, promover a tolerância e o respeito pela diversidade.

Uma constatação que é ainda reforçada pelo estudo realizado em seis países europeus pela Carat, uma empresa especializada na compra de espaço publicitário, e que, por exemplo, no caso da imprensa regional diária alemã, detectou taxas de penetração de 230,4 por mil habitantes⁵. O que se destaca, então, na imprensa local ou do interior é o compromisso editorial e comunicacional com a *comunidade*.

Assim, podemos sustentar que a imprensa do interior, caracterizada especialmente pelo localismo, funciona em um espaço mais ou menos limitado, por seleção do tipo de informação, por identificação com o público, pelo partilhamento dos fatos, dos interesses, das necessidades, das reivindicações políticas etc. O jornal, então, deve servir aos interesses nobres da comunidade a que deve a sua existência e o seu sustento.

O conceito de proximidade resulta, então, de espaços e formas de identidade. Por isso, o território revela-se apenas um dos elementos que explica a imprensa do interior, e não o único. Especialmente considerando que a interatividade de todo tipo de comunidade, através da internet, deve ampliar a participação dos leitores do interior nos jornais de suas cidades, bem como a fiscalização do noticiário e de sua imparcialidade. Com certeza, isto irá contribuir para qualificação do conteúdo das publicações e a ampliação da diversidade noticiosa. Em decorrência acreditamos

que deva aumentar o procura por notícias locais, e consequentemente o aumento de leitores, senão via impresso, então através da internet.

REFERÊNCIAS

- AREAL, M. F. El público en los medios locales de comunicación. In: AAVV, *Estudios de Periodística V*, 1997.
- BOND, Fraser. *Introducción al Periodismo*. México: Editora Americana, 1965.
- CAMPONEZ, Carlos. *Jornalismo de Proximidade*. Coimbra: Ed. Coimbra, 2002.
- DIJK, Teun van. *La Noticia Como Discurso – Comprensión, estructura y producción de la Información, Barcelona*, Buenos Aires, México: Paidós, 1996.
- DORNELLES, Beatriz. *Jornalismo “Comunitário” em Cidades do Interior*. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 2004.
- GOMIS, Lorenzo. *Teoria del Periodismo – Como se forma el presente*. Barcelona, Buenos Aires, México: Paidós, 1997.
- MERCADÉ, Juan. Marcía. *La fuerza del periodismo local em la era de la globalización electrónica*. Pontevedra: Universidade de Vigo, 1992.

MATHIEN, Michel. *La Presse Quotidienne Régionale*. [s.n.], 2004.

PUCHEU, René. L'information locale. In: *Press Actualité*, n. 79, jan. 1973.

RAIMUNDO, Orlando. *A linguagem dos jornalistas – Manual de escrita jornalística*. Lisboa: O Acontecimento, 1991.

NOTAS

- ¹ Estudo realizado na Universidade do Porto, em Portugal, sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Pedro Sousa, em 2009, com bolsa Pós-Doutorado/CNPq.
- ² Neste estudo entenda-se por “regional” os jornais de circulação estadual, que representam a maioria dos jornais brasileiros, conforme dados da Associação Nacional de Jornais (ANJ).
- ³ Citação retirada do jornal Diário Regional de Leiria, de 13 de outubro de 1998, p. 9, apud Camponez, 2002, p. 115.
- ⁴ Os dados levantados no estudo citado estão sendo apresentados em artigos científicos, publicados em diferentes revistas científicas. Mais detalhes da pesquisa de doutoramento ver em: DORNELLES, B. *Jornalismo “Comunitário” em Cidades do Interior*. Ed. Sagra Luzzatto, 2004.